



O USO DAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA FORMAÇÃO EM OBSTETRÍCIA: PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS

Renata di Karla Diniz Aires¹

Karla Corrêa Lima Miranda²

Maria Vilani Cavalcante Guedes³

TRABALHO PARA PRÊMIO: PÓS-GRADUAÇÃO - EIXO 1: TECNOLOGIAS, INOVAÇÕES E
DESAFIOS NO CUIDADO DE ENFERMAGEM

RESUMO

Este trabalho buscou refletir sobre o uso das tecnologias educacionais como possibilidade de transformação da formação em obstetrícia sob perspectivas filosóficas. Trata-se de uma reflexão crítica que emergiu a partir dos conhecimentos construídos durante a disciplina Tópicos de Filosofia para o Cuidado em Enfermagem e Saúde, do curso de Mestrado em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Ceará, de levantamento bibliográfico da temática em questão, associados às inquietações acerca do modelo de ensino e assistência em obstetrícia, vivenciado durante a prática como enfermeira assistencial e docente. Acredita-se que o desenvolvimento e uso de tecnologias educacionais pode contribuir grande e positivamente para o ensino e formação de profissionais obstetras, e, a partir do estímulo de modelos educacionais que estimulem o pensamento crítico e uma formação libertadora, é possível transformar o contexto obstétrico.

Descritores: Filosofia do cuidado; Tecnologias Educacionais; Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Classicamente, o ensino da obstetrícia nos cursos de graduação da área da saúde, prioriza a aprendizagem padronizada, dividida entre fisiologia e assistência ao ciclo gravídico fisiológico e posteriormente o patológico, transmitido de forma passiva em aulas expositivas.

1. Mestranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Ceará - UECE

2. Doutora em Saúde Comunitária, Universidade Estadual do Ceará - UECE

3. Doutora em Enfermagem, Universidade Estadual do Ceará - UECE

E-mail do autor: enf_renataaires@hotmail.com

Trata-se de um modelo de ensino onde prevalecem as relações verticais, nas quais o professor representa o detentor do conhecimento, e os alunos os receptores subordinados a ele. A passagem do conhecimento é fundamentalmente cientificista, e não cabe a construção individual de conhecimento (SÁ, 2017).

Entretanto, compartimentar o conhecimento acerca dos processos reprodutivos força os alunos à mera repetição, desprovidos de autonomia e capacidade crítico-reflexiva. Este modelo educacional desconsidera as transformações sociais, psicológicas e coletivas da sociedade e as novas formas de acesso à informação (SÁ, 2017). Tal visão reducionista, não comporta as objetividades da prática obstétrica.

O campo da assistência ao parto e nascimento, com grande contribuição dos movimentos sociais e do ciberativismo, já não é capaz de comportar este paradigma de ensino. Desde a década de 1950, vem sendo criados e ampliados grupos e movimentos que buscam colocar no centro do debate a forma como o ensino clássico de obstetrícia resulta em “circunstâncias de violência e constrangimento em que se dá a assistência” (DINIZ et al., 2016, p.253), a chamada “violência obstétrica”.

Para Diniz et al.(2016, p.255), o ensino das técnicas obstétricas deveriam estar ancorados em valores éticos e morais, entretanto, vários autores mostram que o ensino clássico em obstetrícia tem se baseado, em grande parte, “no uso não informado e não consentido das vaginas das parturientes para fins de treinamento de habilidades”, ao passo que em outros países, este ensino já ocorre com apoio de modelos sintéticos e tecnologias educacionais para treinamentos de habilidades.

Deste modo, podemos perceber que o ensino clássico da obstetrícia nos remete ao aspecto trabalho-intervenção-produção, fundamentado na visão positivista de que a ciência precisa ser quantificada, provada, controlada. Este desejo constante de controlar os fenômenos, com forte influência da revolução industrial e da supervalorização das máquinas, se estende à formação em obstetrícia, refletindo no ensino da assistência ao parto e nascimento como uma “produção em série”.

Pressupondo-se que a tecnologia consiste em aumentar a eficiência da atividade humana, compreende-se que possa ser entendida como algo além do maquinário, mas como a habilidade em si, como o modo de fazer, onde o conhecimento, associado à criatividade, busca soluções para os problemas que surgem (KOERICH et. al, 2006, p.179).

O uso de tecnologias educacionais, em substituição à prática abusiva em corpos femininos, como estratégia de transformação do modelo de formação em obstetrícia, parece favorecer não apenas o empoderamento do profissional em formação (aluno), mas também, estimular a criação de estratégias inovadoras para a prevenção de assistências pautadas em práticas obsoletas e desrespeitosas.

Busca-se com esta análise, refletir sobre o uso das tecnologias educacionais como possibilidade de transformação da formação em obstetrícia.

METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão crítica que emergiu a partir da experiência construída durante a disciplina Tópicos de Filosofia para o Cuidado em Enfermagem e Saúde, do curso de Mestrado em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, da Universidade Estadual do Ceará, associados à um levantamento bibliográfico acerca da temática em questão em plataformas de dados indexados, e às inquietações acerca do modelo de ensino e assistência em obstetrícia, vivenciado durante a práxis como enfermeira assistencial e docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bourdieu e Passeron (2011) nos apresentam a ideia de que a educação é um instrumento que reproduz o poder de uma classe sobre a outra, impondo hegemonicamente que um pequeno grupo detém o poder, e, por conseguinte, a grande maioria continua alienada.

Diante disso, vários filósofos têm contribuído com reflexões para solucionar o problema do desequilíbrio de poderes, que refletem na construção do conhecimento acadêmico e na formação dos profissionais obstetras. Marx sugere a

modificação da sociedade, para um ambiente sem classes sociais, que rompam com o paradigma do acúmulo de poder pela classe dominante, donde se encontram inseridos os espaços de formação.

Por sua vez, Paulo Freire propõe que o processo de educação não deve ser um depósito de conhecimento, e sim, o educador deve ser um facilitador do processo de construção de conhecimento, onde o educando exerce sua autonomia e cidadania, colaborando para a reestruturação não apenas do sistema educacional, mas de toda a sociedade (PEREIRA; BATISTA, 2016).

O saber mantém profunda relação com a liberdade, portanto, a educação teria a possibilidade de tornar as pessoas autônomas em suas escolhas e donas de sua própria vida. Para Freire(2015, p.24), a educação que ele classifica como libertadora deve ser “dialógica, problematizadora e reforçar no educando o ato de refletir, de criticar, de idealizar, de questionar e de ser autônomo”, não havendo espaço para ensinos monótonos e inquestionáveis.

Sendo assim, para formar sujeitos livres em pensamento, deve-se empenhar em facilitar com que o indivíduo em formação seja capaz de pensar por ele mesmo, refletindo sobre alternativas e soluções e sendo capaz de argumentar suas decisões, rompendo com o paradigma da transmissão de conceitos e técnicas, que são reproduzidos mecanicamente, sem avaliação crítica e sem responsabilização ética e moral com o resultado.

A ineficiência de reflexão crítica nas práticas obstétricas tem imposto um grande desafio ao conhecimento científico, convidando a filosofia a fundamentar caminhos que conduzam ao desenvolvimento responsável de tecnologias educacionais, para a formação de indivíduos críticos, reflexivos, autônomos e éticos.

Nesta perspectiva, a filosofia busca interpretar os fenômenos, neste caso, relacionados ao campo reprodutivo, à luz da reflexão das implicações morais e éticas, que norteiam o uso da tecnologia como mais do que um instrumento neutro (SCHWONKE, 2011).

Considerando o que afirma o filósofo Heidegger, quando diz que “a tecnologia não é um instrumento”, compreendemos que a tecnologia não deve ser vista como um instrumento neutro, mas como uma forma de pensar, um meio para

atender um fim. As tecnologias educacionais constituem mais do que meros maquinários e instrumentais, e sim um novo entendimento sobre o processo de formação do conhecimento, e reflete na interação entre a universidade e o mundo (HEIDEGGER, 2002).

No que tange ao uso de tecnologias educacionais para a formação em obstetrícia, Heidegger possibilita esclarecer que, apesar de estarmos vivendo uma intensa imersão na era da tecnologia maquinística, precisamos estabelecer uma nova relação com este tipo de saber. Para ele, devemos nos abrir para a possibilidade de confiar nas tecnologias, sem, com isso, tornarmo-nos escravos dela, mas usá-las como uma forma de compreensão dos fenômenos. Apesar das críticas que Heidegger faz à tecnologia, ele também deixa a entender que a tecnologia tem potencialidades libertadoras, quando nos abrimos à sua essência.

O conceito “tecnologia” pode ser compreendido como um fenômeno que envolve desde os medicamentos e procedimentos, até a escuta ativa, sendo ao mesmo tempo, processo e produto. Ou seja, não deve ser vista apenas como algo palpável, mas, também, como um conjunto de ações abstratas com vista em contribuir para a construção do saber.

Para Merhy(2002), as tecnologias em saúde podem ser classificadas em Tecnologias Leves, Leve-Duras e Duras. As tecnologias leves advêm das interações e relacionamentos, do vínculo, do acolhimento, das relações interpessoais, da escuta ativa. Por sua vez, as tecnologias leve-duras envolvem os saberes estruturados através de processos de trabalho, como por exemplo, a classificação de risco em serviços de saúde. Finalmente, as tecnologias duras compreendem os maquinários, aparelhos, ferramentas, normas e estruturas organizacionais.

Apesar de uma associação errônea das tecnologias duras à excelência de assistência em saúde, acredita-se que, no atual contexto obstétrico, onde se busca a re-valorização do protagonismo feminino e do parto natural, as tecnologias leves-duras são de extrema relevância.

Nietzsche (2005) classifica, ainda, as tecnologias como assistenciais, educacionais e gerenciais. Onde, as tecnologias educacionais podem ser voltadas à educação inicial, educação em saúde e educação permanente (TEIXEIRA, 2010).

A utilização de Tecnologias Educacionais na enfermagem atua como facilitadora no processo de ensino-aprendizagem. Teixeira (2010) afirma que “as TE’s são quaisquer instrumentos, ferramentas ou dispositivos utilizados no processo de educação que foram concretizados a partir de experiências práticas e de pesquisa para intervir em um problema observado”. Nascimento (2018) destaca as tecnologias educacionais como técnicas de inovação para o educador a fim de facilitar o avanço educacional.

No que tange à formação em obstetrícia, percebe-se que as práticas intervencionistas, visto por muitos como “violências obstétricas”, ensinadas desde a graduação, e perpetuada através da reprodução alienada e indiscriminada, tem colaborado para a manutenção de um modelo de assistência que desafia os princípios éticos e científicos de cuidado.

DINIZ et al.(2016) explica que o ensino de obstetrícia tem feito uso de corpos de mulheres, em geral mulheres pobres e usuárias do Sistema Único de Saúde, para o ensino de técnicas e procedimentos, comumente sem informação e consentimento da usuária, transformando seus respectivos corpos em “vaginascuela”.

Tal exposição de usuária à cascatas de intervenções poderia evitado com o desenvolvimento de tecnologias educacionais tais como ambientes de aprendizagem virtuais, simuladores, protótipos, aplicativos, etc.

CONCLUSÃO

Vivemos, hoje, na era da tecnologia, onde podemos encontra-la em todos os ambitos da vida cotidiana. Entretanto, o avanço tecnológico sem uso criterioso e racional, pode transformar-nos em escravos da tecnologia. A filosofia tem contribuído, durante os séculos, na árdua tarefa de refletir sobre as implicações éticas e morais do uso indevido e indiscriminado da tecnologia, sobretudo no âmbito do cuidar.

Acredita-se que o desenvolvimento e uso de tecnologias educacionais pode contribuir grande e positivamente para o ensino e formação de profissionais

obstetras,e, a partir do estímulo de modelos educacionais que estimulem o pensamento crítico e uma formação libertadora, é possível transformar o contexto obstétrico.

O convite à sensibilização dos profissionais em formação quanto ao uso ético e crítico das tecnologias, tem potencialidades para repercutir, inclusive, nas relações entre profissional-paciente no campo obstétrico, que tem estado no centro do debate de humanização da assistência devido o uso irracional de intervenções desnecessárias por profissionais desatualizados e/ou desalinhados das políticas de humanização do parto e nascimento.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DINIZ, Carmen Simone Grilo et al. A vagina-escola: seminário interdisciplinar sobre violência contra a mulher no ensino das profissões de saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 20, n. 56, p.253-259, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622015.0736>.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HEIDEGGER, Martin. Ensaio e conferências. 2ªed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOERICH, Magda Santos et al. TECNOLOGIAS DE CUIDADO EM SAÚDE E ENFERMAGEM E SUAS PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 22, p.178-185, abr. 2006.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde**: a cartografia do trabalho vivo. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

NASCIMENTO, M. H. M.: TEIXEIRA, Elizabeth. Tecnologia educacional para mediar o acolhimento de “familiares cangurus” em unidade neonatal. Revista Brasileira de

Enfermagem [Internet]. 2018; 71 (Supl 3): 1370-7. DOI:

<https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0156>

NIETSCHE, Elisabeta Albertina et al. Tecnologias educacionais, assistenciais e gerenciais: uma reflexão a partir da concepção dos docentes de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v. 3, n. 13, p.344-353, maio 2005. Disponível em: <<http://rlae.eerp.usp.br/>>. Acesso em: 05 abr. 2019

PEREIRA, Aline dos Santos; BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida. A educação libertadora de Paulo Freire e a escola sem partido. In: IX Colóquio Internacional Paulo Freire, 2016, Pernambuco. **Anais do IX Colóquio Internacional Paulo Freire**. Pernambuco: Ufpe, 2016. p. 01 - 08. Disponível em: <<http://coloquio.paulofreire.org.br/>>. Acesso em: 05 abr. 2019

SÁ, Renato Augusto Moreira de. **Metodologias de Aprendizagem Ativa na Obstetrícia Básica**. 2017. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Medicina, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Cap. 1. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

SANTOS, Zélia Maria de Sousa Araújo. Tecnologia em Saúde – Aspectos teórico-conceituais. In: SANTOS, Zélia Maria de Sousa Araújo; FROTA, Mirna Albuquerque; MARTINS, Aline Barbosa Teixeira. **Tecnologias em saúde: da abordagem teórica a construção e aplicação no cenário do cuidado**. Fortaleza: Eduece, 2016. p. 15-21. Disponível em: <<http://www.uece.br/eduece/dmdocuments/Ebook%20-%20Tecnologia%20em%20Saude%20-%20EBOOK.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

SCHWONKE, Camila Rose G. Barcelos et al . Perspectivas filosóficas do uso da tecnologia no cuidado de enfermagem em terapia intensiva. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 64, n. 1, p. 189-192, Feb. 2011 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000100028>.

TEIXEIRA, Elizabeth. Tecnologias em Enfermagem: produções e tendências para a educação em saúde com a comunidade. **Revista Eletrônica De Enfermagem**, 12(4), 598-600, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v12i4.12470>

XXIII ENFERMAIO

TECNOLOGIAS, INOVAÇÕES E OS DESAFIOS DA ENFERMAGEM NO SÉCULO XXI

